

AUTOBIOGRAFIAS DE MULHERES: *MEU ESTRANHO DIÁRIO E APRENDENDO A VIVER*

AUTOBIOGRAPHIES OF WOMEN: *MEU ESTRANHO DIÁRIO AND APRENDENDO A VIVER*

Leticia Pereira de Andrade Maia¹

RESUMO: Ao ver a imagem de Carolina Maria de Jesus (1914-1977) ao lado de Clarice Lispector (1920-1977), na foto do acervo de Paulo Gurgel, autoras tão diferentes, pensou-se em fazer um estudo comparado entre textos poucos estudados de escritoras brasileiras. Na hipótese de que essa articulação, entre autoras diferentes socioculturalmente, poderia revelar vozes silenciadas que autorrepresentam ou representam diversas mulheres. Para tanto, serão analisados textos autobiográficos dessas duas autoras: *Meu estranho diário* e *Aprendendo a viver*.

PALAVRAS-CHAVE: Autobiografia; Mulheres; Clarice Lispector; Carolina Maria de Jesus.

ABSTRACT: When seeing the image of Carolina Maria de Jesus (1914-1977) alongside Clarice Lispector (1920-1977), in the collection photo by Paulo Gurgel, two such different authors, the idea of conducting a comparative study between lesser-studied texts of Brazilian women writers emerged. The hypothesis being that this connection between culturally diverse authors could unveil silenced voices that self-represent or represent various women. For this purpose, autobiographical texts from these two authors will be analyzed: *Meu estranho diário* and *Aprendendo a viver*.

KEYWORDS: Autobiographies; Women; Clarice Lispector; Carolina Maria de Jesus.

1 Introdução

O ser humano vive condicionado aos discursos – veículos das representações e/ou autorrepresentações. Os discursos não são meios transparentes que mostram o mundo como ele é, mas perfazem e recriam rotas e roteiros para uma compreensão e participação dessa realidade. Por isso em

¹Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Brasil. Técnica de Nível Superior na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - Brasil. E-mail: leticiauems@gmail.com

autobiografias existe um paradoxo entre a realidade vivida e a transcrita: a autobiografia é ficção quando a consideramos recriação do “eu”, pois “é impossível passar para a página a realidade fielmente retratada” (MACIEL, 2005). A crítica que está sendo tecida sobre os pressupostos da representação, nas narrativas de mulheres, é sobre a ideia de se pensar o referencial e a representação como estruturas estáticas nascidas no amparo do sujeito cartesiano, considerado o porta-voz do *logos* e criador do discurso autorizado.

A linguagem em discursos, sendo um fator decisivo na (re)construção da subjetividade, está constantemente apontando para outras maneiras de representações de sujeitos nos textos. E, ao se falar em textos escritos por mulheres, é bom lembrar que estes sujeitos podem se relacionar como (auto)representação:

Un individuo (una mujer, en este caso) tiene múltiples posiciones de sujeto - identidades e identificaciones imaginarias que la interpelan, desde el marco de los discursos institucionalizados de autoridad: la Iglesia, el Estado, la ley. Lo importante es que las posiciones del sujeto son *provisorias y relacionales*, y surgen como respuestas a interpelaciones, a discursos que nos llaman. Todo ello supone que no tenemos solo *una* posición en el mundo, sino que nos podemos mover entre fronteras, rechazando, polemizando o aceptando las posiciones de sujeto que nos interpelan (ZAVALA, 1993, p. 70).

Pode-se pensar que a construção ou reconstrução do sujeito mulher, ao assinalar um lugar relacional e dialógico nas identificações hegemônicas, inicia um trabalho de desconstrução das modalidades discursivas patriarcais, de acordo com as teorias feministas de Lauretis (1994) e Showalter (1994).

Assim, por questões metodológicas, escolheram-se, para este trabalho, narrativas escritas por volta de 1960-70, época em que, segundo Lajolo (1995), uma proliferação de vozes literárias femininas vem à tona no Brasil. Lajolo refere-se às autoras que assumiram, apesar da dificuldade de afirmação em um meio cultural dominado por homens, posições de relevo na cena intelectual brasileira, como: Cecília Meireles, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles,

Nélida Piñon. No entanto, essas não foram as únicas, a favelada Carolina Maria de Jesus também estava nesta época (1950-1970) com “ideias na cabeça e caneta na mão”.

Carolina Maria de Jesus passou sua infância em Sacramento, interior de Minas Gerais, migrando ainda jovem à cidade de São Paulo em busca de uma vida melhor, com apenas dois anos de escolaridade. Nessa grande cidade, Carolina trabalhou como empregada doméstica em diversas casas de família até que, grávida de seu primeiro filho, já não a aceitavam para esse tipo de serviço. Muda-se então para a favela do Canindé, onde teve mais dois filhos (um menino e uma menina), e começa a escrever seus textos, também, a catar “lixos” para sobreviver. Ao publicar seu livro *Quarto de despejo* (cujos fragmentos foram publicados primeiramente em jornais, por um homem), muda-se do barraco da favela para uma casa de alvenaria no Alto de Santana, zona norte de São Paulo. No fim de sua carreira, mudou-se para um sítio em Palheiros – SP, onde continuava a escrever seus textos (muitos destes ainda inéditos) e morreu em 1977.

Clarice Lispector nasceu em Tchetchelnik na Ucrânia, nas palavras dela: “uma cidade tão pequena que nem figura no mapa”, em 10 de dezembro de 1920. Nessa época, seus pais, judeus, preparavam-se para imigrar para o Brasil, a fim de fugir da perseguição antissemita e da Revolução Bolchevique de 1917. Clarice chegou às terras brasileiras com dois meses de idade, estabelecendo-se primeiramente em Maceió (AL) e mais tarde em Recife (PE). Em 1943, aos 23 anos, casou-se com o diplomata Maury Gurgel Valente, passando a residir em vários países, até retornar ao Brasil em 1959. Clarice Lispector foi formada em Direito, estudou latim, viveu em Nápoles, Washington, Berna, traduziu textos para o português, atuou como repórter e jornalista. Era dona de uma prosa densa, rebuscada, rica em inovações sintáticas e recursos linguísticos.

Apesar das diferenças sociais e literárias das escritoras, a proposta de ler Carolina ao lado de Clarice não está desprovida de relevância. Afinal, acredita-se em uma cartografia da mulher mais abrangente da margem à elite, a partir da análise dos textos autobiográficos: *Meu estranho Diário* (1996) de Carolina e *Aprendendo a Viver* (2004) de Clarice.

A obra *Meu estranho diário* (1996) é uma publicação póstuma, organizada pelos pesquisadores José Carlos S. B. Meihy e Robert M. Levine. Nela são apresentadas três trajetórias de Carolina: no Quarto de despejo; na Casa de Alvenaria; e no Sítio (onde morreu em 1977). *Aprendendo a viver* é uma seleção das crônicas confessionais escritas por *Clarice Lispector* na década de 1970. Organizado por Pedro Karp Vasquez, o livro reúne uma série de textos em que a escritora conta sua própria vida, da infância até as reflexões sobre a morte. É narrado em primeira pessoa, detalhando passagens marcantes de sua história, divagando sobre os temas mais variados, revelando particularidades de seu cotidiano e esmiuçando seu processo criativo.

Foram escolhidos esses textos autobiográficos porque é possível verificar o como se estabelece as representações de mulheres brasileiras, por meio de discursos e técnicas narratológicas, e até que ponto existe (ou não) a repetição de estereótipos criados por uma sociedade “machista”. São essas formas possíveis de consciências enunciadas de acordo com o contexto situacional de gênero que serão estudados nos textos de Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector. Gênero não como uma construção do masculino e o feminino com base na diferença sexual em que se especificam comportamentos e atitudes aos sexos, mas sistema de significação que nos rodeia desde o nascimento. Teresa de Lauretis (1994), em *Tecnologias de Gênero*, desconstrói aquele conceito de gênero marcado pela diferença sexual, conceituando como uma representação e autorrepresentação produto de várias tecnologias sociais (cinema, discurso, epistemologias, práticas institucionais e práticas da vida cotidiana, entre outras).

Por fim, partindo do princípio de que o estatuto das vozes e seus discursos podem apontar para a (re)construção de sujeitos nos textos autobiográficos, este artigo se propõe a verificar as vozes que sonorizam as narrativas confessionais dessas duas autoras diferentes: Carolina de Jesus, negra, semianalfabeta e pobre; Clarice Lispector, branca e de classe média/alta. E se essas vozes se encontram em algum momento diante das questões de opressão vividas pelas mulheres brasileiras, ou seja, se por acaso se desviam de um sistema hegemônico, oficial, buscando um espaço de autorrealização, do direito de falar, da apropriação do discurso, fazendo-se ouvir, não importa se da sua marginalidade ou se repetem estereótipos aceitando o imposto por uma sociedade patriarcal.

2 Autobiografia de Mulheres: um breve histórico

Durante as últimas décadas do século XX e início do século XXI, assistiu-se a um processo de renovação e reordenação no terreno dos estudos literários a partir da incorporação de novos objetos, problemas e orientações da teoria e da crítica literária, permitindo o florescer de novas percepções e a revalorização de práticas discursivas que, anteriormente, eram vistas à margem da maioria dos estudos literários ou não constituíam objeto de estudo específico, como são os casos de um interessante grupo de textos, os chamados “gêneros menores” ou “não-canônicos”, entre os quais se incluíam as autobiografias e/ou textos de autoria de mulheres.

A autobiografia não correspondia aos cânones teóricos e sofreu resistências por parte da crítica que a considerava como gênero plebeu, feminino, infantil, “baixo”, ainda como um vício (doença) e como trabalho fácil (SOUSA, 2004, p. 179). A maioria dos críticos literários não considerava os textos autobiográficos/confessionais como literatura, porque, segundo Lejeune:

[...] quanto à autobiografia, considerava-se que se explica por si só, via-se nela apenas uma subcategoria do discurso histórico, e, além disso, era vista com certo desprezo, muitos consideravam que não era literatura e supunham que, ao se buscar a verdade, saía-se do campo da arte (*apud* NORONHA, 2002, p. 21).

Outros, quando reconheciam algum interesse, o faziam apenas em autobiografias de pessoas famosas, de escritores consagrados. Mas, atualmente, a autobiografia é vista como uma reflexão em primeira pessoa, enraizada na cotidianidade, sobre a condição e o sentido da vida, que se entrega à força realizadora da ficção e ao seu trato com a linguagem. Trato que deve ser verificado a partir do “lugar de fala” das autoras e incluir o problema do “lugar de onde se ouve” (DALCASTAGNÉ, 2005, p. 72).

As teorias feministas, de base francesa e anglo-americana, deram suporte teórico e metodológico, a partir dos anos de 1980, para a construção e concretização de um desejo de resgatar textos de mulheres que contribuíram para construir a história social e cultural da humanidade. Passou-se a contestar então a historiografia literária tradicional. Como diz Ria Lemaire (1994, p. 58-71), em “Repensando a História Literária”, este tipo de historiografia, definida em termos patrilineares, a qual repete a sucessão de escritores brilhantes, com ênfase excessiva na paternidade cultural, precisa ser desconstruída em dois vieses: a desestabilização do sujeito masculino e, conseqüentemente, do “herói” das obras literárias; e a destruição do mito de uma única literatura.

Por meio do Grupo de Trabalho GT – *A mulher na literatura*, da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL), criado em 1986, pesquisadores passaram a resgatar textos de autoria de mulheres. Assim surgiu o *Catálogo virtual de escritoras brasileiras do século XX*. Também surgiu um *Guia de Escritoras Brasileiras*, de Luiza Lobo, o qual tem a intenção de recuperar a história literária de autoria de mulheres no Brasil desde seus primórdios até a atualidade.

Nessa perspectiva, *Meu estranho diário e Aprendendo a viver, hoje*, são objetos reconhecidos nos estudos literários, podendo ser estudados a partir de uma visão de que gênero, assim como classe, etnia, nacionalidade, são categorias da “diferença” que se inscrevem no horizonte dos processos históricos, políticos, sociais e culturais e das práticas teóricas críticas da contemporaneidade.

Nesse estudo comparado, os textos autobiográficos escolhidos serão vistos nas relações entre tessituras que se encontram de maneira horizontal, sem hierarquias, pois:

A literatura comparada deseja superar preconceitos e provincianismos nacionais, mas disso não resulta ignorar ou minimizar a existência e a vitalidade das diferentes tradições nacionais. Precisamos tanto da literatura nacional quanto da geral, precisamos tanto da história quanto da crítica literária, e precisamos da perspectiva ampla que somente a literatura comparada pode oferecer (WELLEK, 1980, p. 144).

Sendo assim, é possível ler as narrativas confessionais pouco conhecidas de Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector em vez de relegá-las simplesmente ao limbo do “confessional”. Fazer esta articulação entre textos de autoras diferentes em termos, sobretudo de gênero e classe social, implica aceitar a dicção de cada autora, por mais que se afaste do que fora estabelecido (pela própria academia) como cânone brasileiro.

Apesar de ser anterior a chegada do movimento feminista no Brasil, muitas pessoas relacionam os textos de Clarice Lispector ao feminismo por tratarem de forma única e pertinente o papel da mulher na sociedade. Gotlib (2013) afirma que a obra clariceana é um importante registro da condição da mulher no século XX. Segundo a biógrafa, Clarice não se declarou explicitamente feminista e fez até algumas críticas ao movimento no que se referia à burocracia. No entanto, o olhar dela registra os padrões de comportamento redutores de uma sociedade machista e patriarcal. “Não é gratuito o fato de que as

personagens femininas, de repente, se encontram num outro mundo, não domesticado, selvagem, em que podem experimentar livremente a reinvenção de si mesmas”. (GOTLIB, 2013, 27). Assim, é inquestionável a preocupação de Clarice em abordar e desconstruir temáticas acerca da organização social que se baseou na questão de gênero. Isso era feito por ela, comumente, a partir de um sentimento de estranheza que vinha de suas protagonistas. Essas geralmente eram mulheres insatisfeitas com a vida e seus papéis na sociedade, além de serem repletas de interrogações sobre suas identidades.

Carolina Maria de Jesus também não foi uma feminista militante, embora em sua obra haja algo nas entrelinhas. Fica claro que sua preocupação principal era com a alimentação:

De manhã eu estou sempre nervosa. Com medo de não arranjar dinheiro para comprar o que comer. Mas hoje é segunda-feira e tem muito papel na rua. (...) O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal (JESUS, 1996, p.44).

Carolina era conhecedora de que eram poucos aqueles que, no início da segunda metade do século XX, compreendiam os seus desejos de ler e escrever, uma vez que a sociedade de sua época reprovava tal comportamento para uma mulher pobre e com poucos estudos. Os homens ainda reivindicavam para si, e somente para si, o direito de produzir o que eles classificavam como literatura, na qual apenas algumas poucas mulheres adentraram. No entanto, a riqueza da composição feminina, seja pobre ou rica, está justamente em sua pretensão de singularidade. Em síntese, a narrativa autobiográfica de mulheres inova no sentido de permitir ao sujeito feminino escrever sobre si mesmo.

3 Frente a frente com o sujeito mulher

Na literatura, o representado recebe toda uma carga de impressões do autor sobre o mundo. E quando se fala de uma literatura confessional de mulher, a carga de impressões parece aumentar: pois a mulher é sujeita e objeto da representação literária ao mesmo tempo. O tom de conversa informal próprio da narrativa confessional traz experiências pessoais, tornando os textos *Meu estranho diário e Aprendendo a viver* contundentes para um estudo sobre gênero. Essas autoras representam um momento em que mulheres exigem espaço e em que textos confessionais deixam de ser redigidos para baús ou gavetas de escritórios (LAJOLO, 1996).

Sabendo que o signo “mulher” não é uma categoria unívoca, questionam-se quais seriam os tipos de mulheres “re-presentadas” nos textos selecionados: mulheres ambíguas, nervosas, histéricas, “donas de si”? Este artigo tende a apontar para as estratégias literárias utilizadas por Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector que as fazem dialogar com as identificações que as interpelam em seus percursos em relação à representação da mulher.

Clarice Lispector (1920-1977) foi uma escritora e jornalista brasileira que escreveu suas crônicas confessionais para um jornal. Considerada uma das maiores autoras nacionais do século XX, ela ficou eternizada, sobretudo, pelas obras de romance, contos e crônicas. O amor pela literatura surgiu ainda durante a infância: com apenas 9 anos de idade, Clarice já escrevia peças de teatro e contos, como registra em *Aprendendo a Viver*. Mais tarde, com o falecimento de sua mãe, ela se mudou para o Rio de Janeiro com o pai e as irmãs, onde cursou Direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – uma instituição e curso que eram destinados principalmente à elite masculina e branca). Em 1943, Clarice lançou a sua primeira obra, o romance *Perto do Coração Selvagem*, que apresentava uma visão interiorizada do mundo e da adolescência. O livro foi bem acolhido pela crítica literária, marcando o início de

uma carreira brilhante. Deixando um grande legado, após uma luta contra o câncer de ovário, Clarice Lispector faleceu em 9 de dezembro de 1977, na véspera de completar 57 anos.

Carolina Maria de Jesus (1914-1977) foi uma escritora que, ao se mudar para São Paulo, torna-se uma “escritora vira-lata”: pois catava lixo para sobreviver com seus três filhos, um de cada pai. Quanto ao fato de não ter tido um marido, um homem ao seu lado, Carolina não via problema nisso, como destaca em seus diários, apesar de ter sofrido muitos preconceitos, por, sobretudo, ser negra e mãe solteira. Portanto, Carolina de Jesus tinha comportamentos não aceitos pela sociedade nos anos 50 a 70 do século XX. Carolina escreve com o desejo de publicar seus textos e rompe com valores e comportamentos esperados de uma mulher dessa época: sensível, aquela imagem de ser frágil e necessitada de proteção, sob o domínio dos sentimentos, atuando na intimidade e presa aos cuidados com a prole. No dia 7 de julho de 1958, ela narra que poderia se defender sozinha: “Eu sou da favela do Canindé. Sei cortar de gilete e navalha e estou aprendendo a manejar a peixeira”. Ela se considerava uma “mulher-macho” e sempre criticava as mulheres da favela: “só sabem fazer intrigas” (JESUS, 1996).

Diferente do sujeito Clarice que autorrepresenta a mulher como decente, aquele “vaso delicado e frágil”, pois “tinha um sonho imenso de ficar moça – ser mulher” [...] “Pintava a minha boca de batom bem forte, passando também batom e ruge nas minhas faces. Então, eu me sentia bonita e feminina, eu escapava da meninice” (LISPECTOR, 2004, p. 10). Para a tímida Clarice, a descoberta do mundo, foi saber, aos nove anos como uma mulher e um homem se unem: “E se continuo até hoje com pudor não é porque ache vergonhoso, é por pudor apenas feminino” (LISPECTOR, 2004, p. 10).

Resumindo, Carolina de Jesus foi uma chefe de família que demonstrou as dificuldades enfrentadas, em fins de 1950, para sustentar, sozinha, três filhos.

A representação da mulher em textos de Carolina, portanto, contraria o “sistema falocêntrico”, o sistema familiar pré-estabelecido como “normal”, segundo o qual os homens deveriam ocupar o lugar de provedores financeiros e chefes de família e as mulheres encarregarem-se das atividades domésticas, como cuidar dos filhos, da casa, da comida, entre outros afazeres. A realidade da favelada contrastava com o padrão estabelecido como “normal”.

Por sua vez o sujeito Clarice de Aprendendo a Viver foi uma moça ousada, mas que tinha o pai e, na escola, um amiguinho, para protegê-la: “Leopoldo – além do meu pai – foi meu primeiro protetor masculino, e tão bem o fez que me deixou para o resto da vida aceitando e querendo a proteção masculina” (LISPECTOR, 2004, p. 17). E não sofria preconceitos, como o sujeito Carolina, ao apresentar seu desejo de escrever: “Morava em um sobrado e se considerava uma pessoa impulsiva, uma tímida ousada” (LISPECTOR, 2004, p. 24). Tinha acesso a livros infantis. Com 7 anos de idade escrevia “histórias para uma seção infantil que saía às quintas-feiras num diário. Nunca foram aceitas. E, eu, teimosa, continuava escrevendo” (LISPECTOR, 2004, p. 25). Porém, dos 13 a 14 anos já escrevia pra valer e com 15 anos já recebia por seus textos escritos, tendo consciência de estar “tomando um lugar no espaço”.

Em uma narrativa de autoria de mulher, a representação do mundo é produzida a partir de uma posição que exige sua definição na “diferença” (CATELLI, 1996). Bahia (2000, p. 70) corrobora com Nora Catelli, ao dizer que “escrever como mulher é lançar-se num horizonte para além do que o movimento histórico lhe vinha permitindo”. Contudo, Cíntia Schwantes lembra, em “Espelho de Vênus” (2009), que essa (auto)representação da mulher se dará de forma tensa, posto que as escritoras tenham uma representação ambígua, dependendo de sua etnia e de sua classe social. Por isso, acredita-se que o signo “mulher” não é uma categoria unívoca – os fatores de classe e etnia interferem na construção de uma significação de mulher, podendo apontar “aporias” no interior dos seus discursos. A contradição (ou “tensão” nas palavras de

Schwantes) pode levar a “aporia” nos discursos das autoras que porventura buscam um diálogo com as representações hegemônicas de gênero.

Assim sendo, Clarice Lispector e Carolina de Jesus foram consideradas mulheres atrevidas, impulsivas e outros adjetivos... Seguindo as teorizações de Sílvia Alexim Nunes (2000, p. 108-109), pode-se dizer que “histórica, desvairada, enlouquecida, geniosa e perigosa são essas algumas representações de mulheres que foram se inscrevendo no imaginário social desde o século XVIII”. E nos anos de 1950 a 1970, no Brasil, ainda encontravam essa ressonância para a nomeação da mulher em épocas de ditadura. Nessa ótica, pode-se ainda afirmar que valores tradicionais como “Obediência”, “Submissão”, “Delicadeza no Trato”, “Pureza”, “Capacidade de Doação” e “Habilidades Manuais” foram considerados atributos fundamentais e definidores da feminilidade até meados do século XX, sendo “deixados para trás” quando a mulher conquista o direito à escolarização e a exercer atividades profissionais diversificadas.

Carolina Maria de Jesus irritada pelas perversidades dos homens, desabafa: “Eu disse: o meu sonho é escrever! / Responde o Branco: ela é louca / O que as negras devem fazer... / é ir pro tanque lavar roupa”. A obra *Meu estranho diário* (1996) desvela três trajetórias da autora, organizados sob três subtítulos: “no Quarto de despejo”, “na Casa de alvenaria” e “no Sítio”. Quando sai da favela (Quarto de despejo) e passa a viver em outro meio social (casa de alvenaria), relata: “Depois de conhecer a humanidade/ suas perversidades/ suas ambições/ Eu fui envelhecendo/ E perdendo/ as ilusões/ o que predomina é a maldade/ porque a bondade: Ninguém pratica” [...] “é horrível, suportar a humanidade/ Quem tem aparência nobre/ Que encobre/ As péssimas qualidades” (JESUS, 1996, p. 138). Seus escritos são denúncias da humanidade, do comportamento humano.

A parte “No Quarto de Despejo” (1996, p. 31-116) trata do momento em que Carolina Maria de Jesus resolve escrever, tornar-se escritora. Nessa época de miséria na favela do Canindé, às margens do rio Tietê, na cidade de São Paulo, Carolina escreve sobre as “lambanças dos favelados”. É quando conhece Audálio Dantas, o repórter que lança, no mercado editorial, seu primeiro livro intitulado *Quarto de despejo: diário de uma favelada*.

Na segunda parte, “Na casa de alvenaria” (1996, p. 117-119), Carolina já é uma celebridade, seu diário *Quarto de Despejo* está sendo vendido e traduzido no mundo inteiro. Já não mora mais na favela, mora em uma casa de alvenaria, como sonhava. Tem contato com escritores (inclusive com Clarice Lispector, como na foto), editores, pessoas da alta sociedade, mas está sempre criticando a todos, afirmando não se dar bem com a vizinhança burguesa/branca. A partir daqui pode-se perceber que a escritora acusa às classes dominantes detentoras do poder aquisitivo e da ciência, e a tudo aquilo que de alguma maneira lhes representam. Esse discurso que ataca sempre ao outro, conforme afirma Nietzsche (1999), é característico dos povos “oprimidos”, que desenvolvem o que o filósofo chama de “memória do ressentimento”, que seria o discurso do dominado contra o dominante.

A última parte do livro, “No sítio” (1996, p. 200), trata do momento em que Carolina Maria de Jesus se muda da casa de alvenaria para um sítio em Parelheiros/SP, com a esperança de encontrar paz longe das letras e da cidade. No sítio, Carolina Maria de Jesus se lamenta da vida, bem como continua a refletir sobre a existência humana. O “eu” narrativo, dessa terceira fase, é nervoso, ambíguo e tenso. A vida de Carolina está atormentada por mudanças sociais e a noção de inviabilidade de convívio no “espaço do outro” é evidente. Por isso, Carolina enxerga no branco o motivador das misérias: “o mundo é como o branco quer. Eu não sou branca, não tenho nada com essas desorganizações” (JESUS, 1996, p. 63).

A história de Carolina está atravessada, manchada e massacrada pelo preconceito. Questão delicada que toca em temas como o ódio, a morte, o preconceito, o racismo, as hostilidades, o “não lugar” dos excluídos e as identidades recalçadas: “Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiam-me: - É pena você ser preta”. Historiadores, literatos e cientistas sociais têm se dedicado à apreensão de seus textos. Memórias que se avizinham de sentimentos de rancores passivos e, indefinidamente, prisioneiras da inveja e do ciúme. Um recalque de ressentimento que transmuta na recusa do esquecimento humilhante da exclusão que obriga o exílio psicológico é o que se nota na inscrição de diários de Carolina Maria de Jesus.

Carolina teve a chance de ser ouvida, de erguer-se, de conquistar sua casa de alvenaria. Porém, o “eu” narrativo despertara, de um dia para outro, em um outro mundo (o mundo dos brancos e dos ricos), que segundo ela talvez fosse melhor não ter conhecido. Aqui as repercussões negativas vêm à tona: “porque é que eu não fiquei lá no mato plantando lavoura” (JESUS, 1996, p. 153). O “eu” narrativo, a memória ressentida de Carolina é saudosa pelo tempo em que vivia no interior de Minas Gerais, antes de vir para São Paulo em busca de uma vida melhor. Pois, por fim, além de triste, sentia-se cansada e sem grandes perspectivas, sem sonhos a seguir.

Carolina registra, ora um mundo que não é seu, ora maldizendo o sonhado sucesso, ela se localiza em um espaço que não a quer e que ela também rejeita: “01 de dezembro de 1961. Cheguei à conclusão, que se um pobre fica rico, a alma continua pobre”. O que torna claro, nesta trajetória de Carolina, é que nem o reconhecimento, nem a fama fez com que a autora deixasse de ser uma mulher negra de grandes barreiras e conflitos existenciais. O sujeito Carolina é uma mulher que não consegue romper “fronteiras”, diferente de Clarice Lispector, uma mulher “sem fronteiras” no sentido de infinitude de suas obras que tratam de um sujeito feminino fluido, em processo.

Em obras de Clarice Lispector, o sujeito feminino não é um sujeito uno, mas múltiplo que se movimenta fora da ideologia de gênero. Diferente de Carolina, Clarice Lispector foi uma mulher que participou ativamente do processo de modernização, no Brasil, por ter tido acesso ao direito igualitário da construção de construtos simbólicos de um processo econômico-social e político da época. Daí por fazerem parte de classe social diferentes, as representações da mulher surgem de acordo com o olhar de cada classe. Segundo Showalter (1994, p. 44), as diferenças entre mulheres escritoras (classe, raça, nacionalidade) são determinantes literários significativos, contudo, “a cultura das mulheres forma uma experiência coletiva dentro do todo cultural, uma experiência que liga as escritoras umas às outras no tempo e no espaço”.

Como no texto de Carolina é possível perceber no livro de Clarice um impacto da divisão hierarquizada de gêneros. A Clarice de *Aprendendo a viver* é a dona-de-casa que enfrenta os problemas de toda e qualquer dona-de-casa de classe/média/alta, preocupando-se com o orçamento doméstico e com a educação dos filhos. Matéria extraída do cotidiano da própria autora, como em um jogo de espelhos, as vozes parecem ansiar por romper os próprios preconceitos, a própria passividade, por arriscar uma nova vida, escrita com as tintas de uma subjetividade latente. Clarice, mulher burguesa parece ser solidária com mulheres que vivem marginalizadas: as empregadas domésticas, as migrantes, as pobres que surgem nos questionamentos de gênero.

Apesar das diferenças de classe social e econômica, Clarice e Carolina se encontram na situação-limite da mulher em um contexto sócio-histórico brasileiro dos anos de 1950 a 1980. Essas autoras representam por meio dos seus discursos o paradigma da função da mulher, de denunciadora da injustiça e da repressão máxima ao instinto de vida. Cada autora (cada uma a seu modo) denuncia as “forças da morte”; lá onde as “forças da vida” deveriam ser preservadas (MAGNABOSCO, 2002). Elas parecem fazer uso da palavra verbal

para resistirem à imposição de um emudecimento político e de gênero, ou seja, de falar em lugar de quem é desconsiderado e já não sabe mais falar. É pela palavra que elas se opõem ao “instinto de morte”², seja esta física, simbólica ou afetivo-emocional.

A diferença na perspectiva do olhar tem feito com que a memória afetivo-emocional (ou memória compartilhada) do sujeito confessional/autobiográfico traga um questionamento sobre os conceitos de representação. Ao narrar a partir de uma voz não engendrada pelos discursos dominantes, o sujeito mulher “*presenta-se*” e, diante dessa outra posição enunciativa, questiona a representação.

Mediante os estudos realizados por CATELLI (1996) e outros, é possível afirmar que as narrativas confessionais/autobiográficas de mulheres possuem uma característica fundamental de “abrir espaço para o reconhecimento público e pessoal da voz antes marginalizada do reprimido social e político” (PULVIRENTI, 1995, p. 12).

Respondendo às interpelações de opressões culturais em relação à mulher, os textos de Carolina e Clarice revelam o desejo de falar. Clarice dizia que tomava “conta do mundo”, porque nasceu incumbida disso: “sou responsável por tudo o que existe” (LISPECTOR, 2004, p. 28). Já Carolina deseja estar no lugar do outro:

Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a história do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só li os nomes masculinos como defensor da pátria. [...] Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incicatrizáveis. (JESUS, 1996).

2. Os termos “instintos de vida” e “instintos de morte” advêm da Psicanálise e são representativos das forças construtivas e destrutivas que habitam todo ser humano (MAGNABOSCO, 2002).

O cotidiano dessas duas mulheres é bem diferente, por isso se observa um empoderamento da mulher e, em outro momento, a ausência da mulher em determinadas áreas, como na política brasileira da época de Carolina. É possível perceber que um momento de transição está acontecendo nos anos 60 e 70 do século XX, pois o sujeito Clarice sente-se “dona de si e do mundo”, ao passo que o sujeito Carolina, para se sentir “dona do mundo”, usa apenas as palavras nessa “guerra de poder”. Para Clarice, o processo de escrita é mais do que uma denúncia, segundo ela, “é como um cálculo renal”; “é a pedra passando enfim. Entrego-me toda a esses momentos” (LISPECTOR, 2004, p. 29).

Observa-se que os obstáculos enfrentados por mulheres ao acesso político e cultural brasileiro foram muitos; Clarice foi uma exceção: uma mulher bem-sucedida que denunciava a discriminação contra mulheres em seus textos. Também, em suas crônicas confessionais, o sujeito Clarice é muito observadora em relação às mulheres: “lembro-me de um rosto terrivelmente inexpressível de uma mulher que vi na rua. Tomo conta dos milhares de favelados pelas encostas acima. Observo em mim mesma as mudanças de estação” (LISPECTOR, 2004, p. 27).

Para Carolina, escrever representava uma fuga, já para Clarice era uma forma de acessar as informações assentadas na esfera da intuição. Se a favela não lhe oferecia as condições necessárias para meditar, Carolina aproveitava sua “calma interior para ler”. Ela acrescenta: “Peguei uma revista e sentei na grama, bem exposta ao sol para me aquecer. Eu li um conto. Quando eu estava começando outra, as crianças vinham pedindo pão”. Graças à leitura e à escrita, Carolina construiu uma intimidade impossível, transformando esse lugar caótico, desumano e selvagem em um espaço de sobrevivência e sonho, onde ela poderia se refugiar. Agora, o sujeito mulher de classe média alta, não escreve com pretensão de mudar o mundo. Grande parte de suas crônicas de *Aprendendo a viver*, publicada primeiramente em jornais, fala sobre suas aventuras íntimas de mulher: “o contato com o outro ser” e o desejo de escrever.

Segundo ela, uma de suas vocações era escrever “a própria vida se vivendo em nós e ao redor de nós”.

4 Considerações Finais

O desafio deste artigo foi evidenciar as correspondências que existem entre a literatura e o universo social de duas mulheres. Ler textos de Clarice e Carolina nessa perspectiva foi tentar identificar a tensão existente entre a subjetividade das escritoras e a objetividade do mundo em que viveram e que, até certo ponto, moldaram o sujeito mulher. Os textos de Carolina fazem mais do que “documentar” a vida dos pobres, da classe média e da elite brasileira.

Foi possível perceber o quanto os artefatos físicos, sociais e simbólicos tiveram impacto nas vidas de mulheres, ou seja, percebe-se o quanto as construções materiais, os campos de conflito e as representações moldaram-nas. Seus escritos permitem pensar o cotidiano real ou imaginário dentro de um período que estava em plena reconfiguração acompanhando a acelerada modernização da sociedade brasileira. Assim, os diários de Carolina e textos confessionais de Clarice podem operar a desconstrução das velhas imagens e clichês construídos patriarcalmente sobre a mulher ou repetir esses estereótipos, de forma tensa e ambígua, pois o próprio tecido ficcional se equilibra na fronteira entre referencialidade e representação.

Em textos confessionais, observa-se que a “re-presentação” pode ser mediada por recortes afetivos que recuam, estabelecem filiações e vínculos com outros territórios linguísticos tornando memória compartilhada. Segundo Magnabosco (2002), “presentação” traz a emergência da subjetividade do sujeito que vivencia, que está dentro do processo e, por esse motivo, descentraliza territórios de gêneros ao transitar pelos caminhos fluídos da memória e linguagem afetivas.

A “mulher” não é uma categoria unívoca (SCHWANTES, 2009), por isso mesmo se detectou diferenças nas vozes que sonorizam *Meu estranho diário* e *Aprendendo a Viver*. Conclui-se que a memória ou texto confessional tem uma dimensão pessoal, introspectiva (interior) e uma dimensão coletiva e/ou social. Fato possível de ser identificado nos diários de Carolina Maria de Jesus e textos confessionais de Clarice Lispector.

REFERÊNCIAS

- BAHIA, Mariza Ferreira. *O legado de uma linhagem* (A literatura memorialística feminina). Tese de Doutorado em Literatura Comparada. Faculdade de Letras da UERJ. Rio de Janeiro. Junho de 2000.
- CATELLI, Nora. El diario íntimo: una posición femenina. In: *REVISTA DE OCCIDENTE: El diario íntimo. Fragmentos de diarios españoles (1995 – 1996)*. Madrid: Fundación José Ortega e Gasset, n. 182 – 183, jul./ago./1996.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Isso não é literatura. *Revista Entre fronteiras e cercado de armadilhas*. Brasília: Ed. UnB e Finatec. 2005.
- GOTLIB, Nádia Battelle. *Clarice: uma vida que se conta*. SP: Edusp, 2013.
- JESUS, Carolina Maria de. *Meu estranho diário*. Meihy e Levine (Orgs.). São Paulo: Xamã, 1996.
- LAJOLO, Marisa. A leitora no Quarto dos Fundos. In: *Leitura: Teoria & Prática*. Campinas, Mercado Aberto, ano 14, n. 25, p. 10-18, jun. 1995.
- LAURETIS, Teresa de. Tecnologias de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). *Tendências de Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LEMAIRE, Ria. Repensando a História Literária. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). *Tendências e impasses – o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LISPECTOR, Clarice. *Aprendendo a Viver*. Rio de Janeiro: Editora Rocco. 2004.
- MACIEL, Sheila Dias et al. *Termos de Literatura Confessional em Discussão*. Disponível em: <http://www.ceul.ufms.br/guavira/numero1/maciel_sheila_e.pdf>. Acesso em: 05 out. 2005.

MAGNABOSCO, Maria Madalena. *Reconstruindo imaginários femininos através dos testemunhos de Carolina Maria de Jesus*. Tese de Doutorado. FALE, Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, UFMG – Belo Horizonte, 2002.

NUNES, Sílvia Alexim. *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasil, 2000.

PULVIRENTI, Emma S. *El testimonio femenino como escritura contestataria*. Chile: Ediciones Asterión Ltda., 1995.

SCHWANTES, Cíntia. *Espelho de Vênus: Questões da Representação do Feminino*. Disponível em http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo_cintia.htm. Acesso em 01/03/2009.

SHOWALTER, Elaine. “A crítica feminista no Território Selvagem”. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). *Tendências e impasses – o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. *Carolina Maria de Jesus. O Estranho Diário da Escritora Vira-Lata*. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade de Brasília – UnB, 2004.

ZAVALA, Iris. “Las formas y funciones de una teoría crítica feminista. Feminismo dialógico”. In: ZAVALA, Iris. *Breve historia feminista de la literatura española*. Barcelona: Anthropos, 1993.

WELLEK, René. *Conceitos de crítica*. São Paulo: Cultrix, 1980.

Recebido em 01/08/2023.

Aceito em 25/04/2024.